

“Não há lugar para migrante”

Sem empregos, a cidade não tem como recebê-lo. Só no primeiro semestre quase três mil chegaram ao DF

“Aqui não tem mais lugar para o migrante”. A afirmação é do Secretário do Serviço Social, David Boianovsky, que diz não ter mais em Brasília emprego para mão - de - obra não-qualificada. A cidade não é mais “um eldorado” e a migração para o Distrito Federal é um grave problema, que segundo Boianovsky, poderá ser resolvido com o desenvolvimento da região geoeconômica. O Secretário disse também que muitos problemas sociais atingem Brasília, destacando o do menor carente cerca de 120 mil, mas que “na medida do possível tudo está sendo feito para sanar os problemas mais graves”.

Até meados do ano passado, o Governo do Distrito Federal não possuía dados sobre a migração em Brasília. Os números foram conseguidos após um convênio entre o GDF e o Ministério do Interior através do SIMI - Sistema de Informação sobre Migrações Internas. “Quando o governo decidiu se dedicar intensamente ao problema de migração, esbarramos com esse fato estorrecedor: não tínhamos dados sobre o assunto. Com o convênio isso foi possível. Foram instalados seis postos para colher essas informações e agora sabemos quantas pessoas chegam, aqui, porque estão vindo, enfim, temos dados para nos orientar”.

Os dados conseguidos no primeiro semestre deste ano, sobre a migração são os seguintes: 2.935 pessoas chegaram a Brasília até junho, principalmente no mês de março quando o número foi de 673. O maior percentual de migrantes é nordestino, 49,3%, seguido do Centro-Oeste com 22,6%. Quando o migrante chega, lhe é perguntado o motivo de sua mudança e a maioria responde que veio procurar melhores condições de emprego. “Esse é o problema. Não temos mais emprego para a mão - de - obra não-qualificada. No início de Brasília, em sua construção, essa mão - de - obra tinha emprego fácil, mas agora a cidade já está consolidada e não há mais emprego. Essa população migrante vem para cá e se frustra. Por essa falta de empregos, Brasília está sujeita a um processo de inchação populacional e essa é a principal razão para que o governo Lamaison tenha assumido a bandeira de desenvolver a região geoeconômica”.

Enquanto a solução para o problema do migrante não é estabelecida, a Secretaria de Serviços Sociais faz, segundo David Boianovsky, o trabalho assistencial. “Para os que alegam ter vindo para Brasília para tratamento médico, por exemplo, nós procuramos, junto com a Secretaria de Saúde, acelerar esse tratamento e oferecemos a passagem para que a pessoa retorne. Damos também abrigo, geralmente por oito dias. Um outro trabalho nosso é o de fornecer documentação aos migrantes”.

MENOR CARENTE

Segundo David Boianovsky, o Distrito Federal tem 120 me-

nores de 18 anos, com “risco real de carência”. Desses, 50.400 estão na fase pré-escolar, 48.480 na fase escolar e 21.120 na adolescência”. No ponto de vista de assistência o menor na fase pré-escolar necessita de saúde, nutrição e cuidados permanentes diurnos, por exemplo, as creches. Para o escolar a necessidade é a de educação e para o adolescente, sempre no ponto de vista de assistência, o adolescente precisa de educação informal, iniciação profissional e também da educação formal. Um trabalho no campo da saúde para o menor pré-escolar que Brasília está realizando com muito sucesso é o da vacinação. O percentual de vacinados com a Sabin é de 86%, com a tríplice é de 99% e a BCG atinge a 93%. O índice dos vacinados contra o sarampo é de 75% e todos sabem que na população carente o sarampo chega a matar”.

Para assistir o menor pré-escolar em sua necessidade de cuidados diurnos, a Secretaria de Serviço Social elaborou e montou as creches domiciliares, atualmente com o número de 700. “Essa idéia é muito eficiente. Nós colocamos as crianças nas casas vizinhas enquanto suas mães trabalham. Para a mãe crecheira, ou melhor a tia crecheira, a SSS oferece Cr\$ 650 por criança e a mãe que trabalha fora paga cerca de Cr\$ 400 para a sua alimentação. Assim nós ajudamos a duas pessoas conseguirem obter renda. Primeiro a que trabalha fora. Se ela não tivesse com quem deixar seus filhos isso seria impossível. Depois, ajudamos também a que a mãe crecheira aumente a sua renda familiar. Temos esse sistema em todas as cidades-satélites, com exceção do Guará e ele tem mostrado grande receptividade”.

ADOLESCENTE

Segundo David Boianovsky, “a preocupação com o menor adolescente é grande e os cuidados devem começar antes dos quinze anos”. Segundo dados da Secretaria de Segurança Pública, a incidência da conduta anti-social é maior na faixa de 13 aos 15 anos de idade. “Montamos então o SIPAM - Serviços Integrados de Promoção e Assistência ao Menor, que é feito juntamente com a Funabem. No SIPAM temos o CRT - Centro de Recepção e Triagem de Menores, com capacidade para duas mil pessoas.”

O Secretário de Serviços Sociais diz que a preocupação maior em relação ao ensino profissionalizante é o emprego imediato. “Tentamos sempre contatos com empresas para que elas empreguem os menores que saem da Granja. Ali eles aprendem a engraxar sapatos, fazer embalagens em supermercados, lavar carros, etc... Agora nós pretendemos montar pequenas cadeiras no Setor Comercial Sul e colocá-las, gratuitamente, à disposição dos menores que tiverem feito o nosso curso para que ali eles mostrem seu trabalho”.